

Lima Barreto e o Brasil Moderno

Luciana Nascimento¹

Cecília Justen de Souza²

Resumo: O presente artigo busca analisar as cartografias literárias do autor Lima Barreto (1881-1922) sobre a cidade do Rio de Janeiro, bem como seus questionamentos acerca da política desenvolvida pelo governo carioca de sua época. A partir de suas crônicas, o gênero que perpassa ao “rés do chão” (CANDIDO, 1992), a Belle Époque é retratada como um ambiente incoerente e que divide o Rio de Janeiro em dois lados: o europeu e o indígena (BARRETO, 1921). Assim traz denúncias de como a Paris Tropical idealiza uma modernização que não está presente. Desse modo, o objetivo desse artigo é refletir sobre as camadas sociais do Rio de Janeiro no período das grandes reformas de Pereira Passos que tinha o intuito de criar um Brasil Moderno.

Palavras-chaves: Lima Barreto, Belle Époque, Brasil Moderno

Abstract: This article aims to analyze the literary cartographies of author Lima Barreto (1881-1922) regarding the city of Rio de Janeiro, as well as his inquiries about the policy developed by Rio's government of his time. Based on his chronicles, the genre that permeates the “ground floor” (CANDIDO, 1992), the Belle Époque is portrayed as an incoherent environment that divides Rio de Janeiro into two sides: the European and the indigenous (BARRETO, 1921). Thus, it puts forward denunciations of how Tropical Paris idealizes a modernization that is not present. Therefore the purpose of this article is to reflect on the social layer of Rio de Janeiro during the period of Pereira Passos's reforms, which aimed to create a Modern Brazil.

Keywords: Lima Barreto, Belle Époque, Modern Brazil

Introdução

Se das cidades modernas já sabemos serem elas objetos de intervenções humanas e também laboratório de novas formas sociais desde o século XIX, quando se tem o *boom* do fenômeno urbano e a “Paris, Capital del siglo XIX” (BENJAMIN, 2015, 47). A passagem do século XIX para o século XX foi um período, por excelência, de mudanças na percepção do espaço urbano moderno, onde se sobressaíram tipos como o

¹ Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq// PQ2. Professora Associada IV do Departamento de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na mesma Universidade. Membership board of international journal of literature and arts.

² Graduanda em Letras: Português – Italiano pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de extensão Cartografias pelo Rio Literário, coordenado pela Professora Doutora Luciana Nascimento, durante o ano de 2021. <https://acidadeeasletras.com/extensao>

dândy e o *flâneur*, que circularam tanto na vida urbana como também na cena literária. São duas personagens opostas que emergiram na cidade, marcaram presença na vida social, mas acima de tudo, constituíram duas máscaras do artista moderno:

Na literatura, o flâneur foi representado como um ocupante e observador arquetípico da esfera pública nas grandes cidades da Europa do século XIX, que cresciam e mudavam com rapidez. Ele pode ser visto como uma figura mitológica ou alegórica representativa do que, talvez, tenha sido a resposta mais característica às novas formas de vida que pareciam estar em desenvolvimento — a ambivalência.

[...]

Kracauer descreve a aproximação, nos bulevares e cafés, entre dandies da alta classe e novos jornalistas grupos que, para ele, se assemelhavam muito: rejeitavam a sociedade convencional, mas dela dependiam. Como resultado, a atitude deles ante essa sociedade era mais cínica e irônica que uma oposição apaixonada. A atitude blasé - que Georg Simmel viu como característica da vida urbana - era a atitude de homens que foram comprados. (WILSON, 2013, p.46-47).

Assim, conforme nos afirma Wilson, não só os elegantes emergiram na cena urbana, mas os artistas, poetas e romancistas foram também em busca dos avessos das cidades. Se as ruas largas e os bulevares modificaram a feição da urbe, tendo sido criação decisiva para a modernização da cidade, pois, de acordo com Nascimento (2003), “permitia a aproximação e a convivência dos contrastes: o rico frente ao pobre; o feio, ao bonito; a juventude, à velhice, a opulência, à miséria. Acima de tudo, permitia o confronto das classes, com o luxo das vitrines, as grandes peças de teatro e a afluência à cidade de tipos humanos marginalizados” (NASCIMENTO, 2003, p.39). Os poetas utilizaram desse espaço diverso para sua criação literária.

Levando em conta que a matriz parisiense do bom gosto e do cosmopolitismo se tornou quase que uma modernidade absorvida por uma civilização global, se pensarmos em termos de mundo ocidental, a América Latina e o Brasil também não ficaram imunes aos influxos das novas ideias.

Essa modernidade do século XIX constituía com uma civilização global, mas é crucial enfatizar o papel de outros elementos civilizacionais no cenário global desde os começos de sua expansão.

[...] Quando se expandiu e conquistou ou seduziu outras sociedades pela incorporação de outros ingredientes civilizacionais e, portanto, se reconfigurou. (DOMINGUES, 2013, p. 47).

O panorama literário brasileiro, de fins do século XIX até a década de 1920, foi bastante difuso como assinalou Brito Broca e passou-se a denominar de “pré-modernismo”, todas as obras produzidas no período que antecederam à Semana de Arte Moderna paulista. Nesse sentido, Araújo (2012) destaca que a criação do termo foi de autoria de Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima) e que se referia às décadas de 1914-1918, período em que se aguardava uma renovação intelectual. No entanto, como destaca o autor, muitas obras e autores seriam incluídos no chamado de “pré-modernismo”, sem que esse representasse um estilo, uma escola ou uma tendência, mas somente um marco temporal:

Nesse grupo, podem ser incluídos os nomes de Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Graça Aranha e Lima Barreto (1881- 1922), na prosa, e Augusto dos Anjos (1884-1914) e Afonso Schmidt (1890-1964), na poesia. A estes coube “o papel histórico de mover as águas estagnadas da belle époque, revelando, antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional” (BOSI, 1994, p. 307).

[...]

Em 1905, Lima Barreto estreia com *O subterrâneo do Morro do Castelo*. Mesmo severamente criticado pelos seus contemporâneos por seu estilo “despojado e descuidado”, ele dá continuidade a sua obra, publicando *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *As Aventuras do Doutor Bogóloff* (1912), *Triste Fim de Policarpo Quaresma e Numa e a ninfa* (1915), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), *Histórias e sonhos* (1920) e *Os Bruzundangas* (1922); obras marcadas por uma crítica contundente a Velha República e pelo resgate das tradições cômicas, carnavalescas e picarescas da cultura popular. (ARAÚJO, 2012, p. 122).

Neste trabalho, não temos por objetivo estudar Lima Barreto dentro de um paradigma pré-modernista ou modernista; mas, nossa proposta é iluminar e manter acesa a vasta obra de um intelectual que pensou o Brasil e ainda hoje o é “O Lima Barreto que nos olha.” (RESENDE, 2015, p.1).

1. Uma escrita que expõe os avessos da Paris tropical

Richard Sennet, em seu texto *O tumulto da vida pública no século XIX*, afirmou que os sujeitos se tornaram tipos particulares de atores no teatro da vida urbana, criando assim novas sociabilidades inventadas. E foram, justamente, as percepções do fenômeno urbano que modificaram o *modus vivendi* das populações, os costumes e os modos de se

portar na cidade, a partir da indústria do entretenimento, da frequência aos cafés, teatros, cafés-concertos e bailes.

Todas essas experiências foram vividas tanto pelos cidadãos comuns como também pelos políticos, médicos e literatos. E foi o discurso dos literatos que certamente inaugurou, por assim dizer, “o chão das cidades”, (PECHMAN, 2007, p. 32), tendo expressado em larga medida os conflitos e as vivências dos sujeitos e a forma como estes se relacionaram dentro desse espaço. Assim, o discurso literário sobre o urbano criou uma outra cidade distinta daquela que se instaurou dentro do discurso da ordem do urbanismo.

Toda a modernidade urbana teve sua matriz na “Paris, Capital do século XIX”, como bem afirmou o filósofo alemão Walter Benjamin, pois a cidade se projetou como berço das ideias iluministas e modernas, além de ter consolidado a imagem de uma “cidade mito”. De acordo com Roger Callois, o “mito de Paris” foi uma imagem criada por volta de 1840 como uma urbe concebida “com caráter tipicamente mítico relacionado às mudanças do mundo exterior, sobretudo, no cenário urbano” (CALLOIS, 1972, p.126). Dessa forma, nos trópicos, perseguiu-se o desejo de criar uma Paris.

No decorrer do século XIX, as noções de progresso, modernidade e civilização estavam identificadas com a Europa e foram apropriadas por muitas cidades latino-americanas que começavam a se destacar em fins do século. Segundo José Geraldo V. de Moraes:

Nas cidades distantes da Europa que começavam a erguer-se no final do século passado, como Buenos Aires, México, São Paulo e Rio de Janeiro, as idéias de progresso, civilização, moderno e bom-gosto eram representadas pela Europa, sobretudo Paris e Londres, berços da modernidade. (MORAES, 1994, p.21).

Assumidas, principalmente, pelo imaginário da elite brasileira, tais ideias iriam modificar definitivamente, as características, os modos de vida e a configuração de algumas cidades do nosso país, sendo justamente, nesse período denominado por *Belle Époque*³, que a cidade do Rio de Janeiro sofreu uma grande reforma urbana para acolher os anseios das elites, deslumbradas com o discurso do progresso.

³ Iniciando-se com a chegada de Campos Sales ao poder em 1898 e a recuperação das elites regionais, a Belle Époque foi um período em que a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, passava por intensas modificações urbanas, culturais e sociais. Foi o momento também de construção da Avenida Central, atual Rio Branco e do Teatro

A elite carioca queria tornar a cidade uma “Europa possível” e para concretizar a ficção da “Europa Tropical” foi iniciada, em 1905, a grande reforma urbana, empreendida pelo então Prefeito Francisco Pereira Passos, que havia visitado Paris nos anos finais da reforma levada a cabo pelo Barão de Haussmann. Assim, o prefeito do Rio, reuniu em torno de si um grupo de engenheiros e especialistas, com a finalidade de colocar em prática seu projeto de reforma, ele encarregou-se do planejamento global da cidade.

Tal reforma foi apoiada em um discurso científico de cunho positivista que assentou suas bases na sociedade brasileira no período republicano e tinha por objetivo inserir o Brasil no “Concerto das Nações”. Seu lema foi a “*ordem por base e progresso por finalidade*” e, conseqüentemente, transformar a cidade, que foi, então, remodelada de acordo com os padrões europeus de urbanismo em voga, para o ingresso em uma nova era, o que representou a “inserção compulsória do Brasil na *Belle Époque*”. Era preciso absorver a Europa e trazê-la para os trópicos:

Sanear a cidade, para muitos, significava, embelezá-la. Num momento em que a economia do país ia tornando mais profundos os seus nexos com o mercado internacional, fazia-se mister que sua capital estampasse, para efeito externo, uma imagem que não mais a associasse com o atraso, com a doença, tal como o Rio era conhecido na Europa. Sanear o Rio, deste modo, requeria não só a erradicação das moléstias, mas também a renovação estética da cidade, cuja expressão eram a fachada de seus prédios, o aspecto de seus logradouros públicos, os costumes de seu povo. (NEEDEL, 1993, p. 48).

Os escritores da época se posicionaram diante dos diversos acontecimentos sociais e políticos e do projeto de nação que se esboçava nas primeiras décadas do século XX e sua atuação na “Cidade das Letras” se deu por meio da atividade jornalística. No Brasil, a imprensa caminhou ao lado do desenvolvimento e da

Municipal, realizado pelo prefeito Pereira Passos. Começaram assim, as preocupações com as questões sociais e trabalhistas e a reforma sanitária promovida por Oswaldo Cruz.

Para os brasileiros, em especial para a elite carioca, a civilização era França e Inglaterra, seguindo os exemplos de modernismo de ambos os países. A Inglaterra era a experiência, enquanto a França o ensino, a educação implantada por Passos era então, majoritariamente, francesa. Além disso, o prefeito se inspirava na arquitetura e no estilo de vida criando a Avenida Central, que mais expressa a Belle Époque. É um imenso bulevar cortando as construções coloniais da Cidade Velha que refletiam o progresso do país, as fachadas e as forças que representavam haviam sido cuidadosamente planejadas tanto quanto a avenida. Ali se celebrava o que era feito, mas também o que desfeito, o início da “civilização” almejada, causando uma impressão favorável aos imigrantes europeus.

Essa civilização, porém, significava afastar o que significava o ser efetivamente brasileiro, seria uma forma de deixar o passado colonial, acabar com o Brasil antigo. No Rio “civilizado” venceu a antiga predisposição colonial para a assimilação de aspectos, valores europeus e pressupostos implícitos na Belle Époque carioca.

consolidação dos intelectuais ao longo do XIX, desempenhando papel fundamental na profissionalização das atividades intelectuais, com o surgimento da chamada grande imprensa, na virada para o novo século. Nesse contexto, a militância dos intelectuais brasileiros se fortalece, ao se manifestarem e se posicionarem em relação aos mais variados assuntos, desde as questões do cotidiano da cidade até os grandes temas e problemas que mobilizavam o cenário internacional, através de seus artigos e crônicas, conforme afirma Carvalho:

Sua obra está centrada na denúncia do que considerava a decadência moral e intelectual dos falsos modernos, transparente na competição desenfreada, no arrivismo reinante, no conflito bestial entre homens sem a marca da solidariedade [...] Assim, para Lima Barreto, o que havia de melhor na vida tradicional, como a ética cavalheiresca e a prevalência do amor romântico, ruína, sem sucedâneos, sob o condenável pacto entre o velho mandonismo e os novos apetites – pacto que, segundo ele, caracterizou o estabelecimento da República. (CARVALHO, 1994, p.38-39).

Lima Barreto foi um desses intelectuais que atuaram na imprensa, tendo sido um observador arguto da cidade dos efeitos das reformas urbanas na vida das camadas populares. Se as reformas foram concebidas pelas elites e o povo foi excluído das benesses dessa modernização, podemos afirmar que houve uma bipartição da cidade e Lima Barreto nos mostra a “cidade partida”⁴ em sua crônica *O prefeito e o povo*, publicada na *Revista Careta*, de 15 de janeiro de 1921.

A crônica, conforme assinala Antonio Candido, é um gênero que por meio dos assuntos, da composição solta e do ar de desnecessidade, costuma assumir e se sensibilizar com o diário, o corriqueiro.

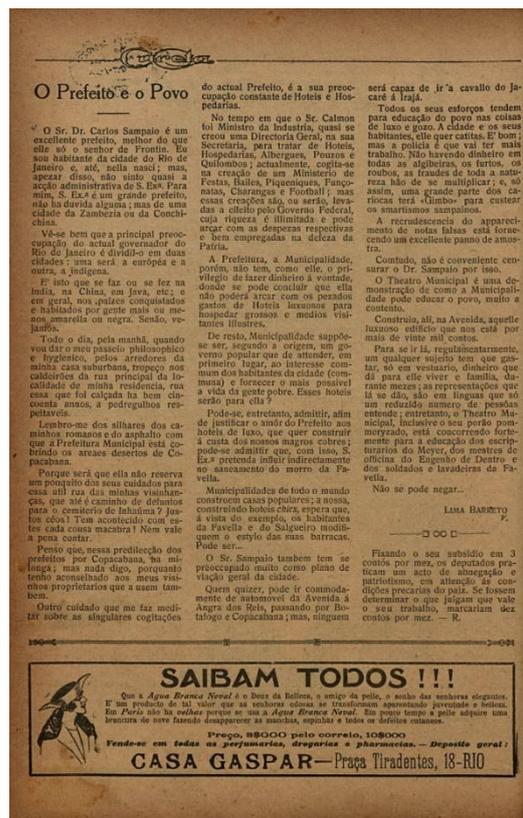


Figura 1 - Revista Careta.

⁴ Referência à “Cidade Partida”, obra de 1994 de Zuenir Carlos Ventura, jornalista e escritor brasileiro que narrou o cenário carioca como quem vê uma guerra: a dicotomia espacial.

Elabora, a partir de uma linguagem coloquial e uma despretensão humanizada, mas sem perder a profundidade de significado e um acabamento de forma.

Isso acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela (a crônica) não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. (CANDIDO, 1992, p.14)

Na citada crônica, Lima Barreto direciona o olhar para o então prefeito, Carlos Sampaio, que segundo o cronista, dividiu o Rio de Janeiro em dois lados: o europeu e o indígena, no qual, o segundo se enquadra qualquer cidadão que não faça parte da elite carioca. Assim, também faz parte de um governo ausente; diferentemente do grande prefeito que o lado europeu tem.

Com um traço marcadamente pessoal, o cronista Lima Barreto coloca em cena um eu que circula pela cidade dicotômica, de duas facetas e de duas personalidades observadas pela população e pelos próprios políticos.

Lima Barreto, de forma irônica, retrata a imagem carioca que é observada em seu caminhar matinal: a falta de boas ruas e saneamento, enquanto em Copacabana grandes hotéis são construídos. Além disso, o autor destaca a educação inacessível, a exemplo o Teatro Municipal que exige trajes que custam ao sujeito o que ele gasta com a família, sendo um ícone da civilização, qual seria a serventia de um teatro de não chegaria aos bairros, na opinião de Lima Barreto. Na crônica diversos temas são retratados de forma irônica, comparando o Brasil à Índia, China e Java, focando na interpretação de que passam pela mesma situação, com governos que não se preocupam com o povo.

A separação efetuada no espaço urbano do Rio estava relacionada com a imagem que Lima Barreto constrói sobre a capital do país. Ao tematizar a cidade do Rio de Janeiro, o escritor alia a cidade e a política. Na crônica estudada a vida cotidiana tem como pano de fundo a cidade enquanto sede do poder político nacional. É na sede da República que acontecem as festas, comemorações, paradas militares, exaltando a pátria e a imagem da nação forte e moderna:

No tempo em que o Sr. Calmon foi Ministro da Industria, quasi se creou uma Directoria Geral, na sua Secretaria, para tratar de Hoteis, Hospedarias, Albergues, Pouzos e Quilombos; actualmente, cogita-se na criação de um Ministério de Festas, Bailes, Piqueniques, Funçonatas, Charangas e Football; mas essas criações são, ou serão, levadas a effeito peio Governo Federal, cuja riqueza é illimitada e pode arcar com as despezas respectivas e bem empregadas na defeza da Patria. (BARRETO, 1921)

Para o autor, os homens da política nacional deveriam compreender a sociedade brasileira, em sua complexidade e diversidade étnica e cultural. Entretanto, são esses pressupostos que não estavam no horizonte da política nacional. Sendo assim, o escritor dá passagem à voz de um povo que não tem vez ou voz, tematizando em suas obras uma tragicomédia da vida no Brasil da *Belle Époque*.

Municipalidades de todo o mundo constroem casas populares; a nossa, construindo hotéis *chics*, espera que, à vista do exemplo, os habitantes da Favella e do Salgueiro modifiquem o estylo das suas barracas. Pode ser. (BARRETO, 1921)

Lima Barreto faz uma caricatura dos políticos da época, ao descrever os melhoramentos urbanos, os quais não são extensivos a toda a sociedade, mostrando a inutilidade de se erguer uma fachada europeia sem modificar, de fato, as estruturas mais profundas da sociedade:

A Prefeitura, a Municipalidade, porém, não tem, como elle, o privilegio de fazer dinheiro à vontade, donde se pode concluir que ella não poderá arcar com os pezados gastos de Hoteis luxuosos para hospedar grossos e médios visitantes illustres. (BARRETO, 1921)

O autor carioca, assim, intensifica a imagem desigual de sua época e ainda reflete como a perspectiva glamurosa é inacessível para quem de fato a constrói. O Rio de Janeiro é um espaço partido, dicotômico e desorganizado, mas visualmente bem planejado para se formar como a Paris Tropical.

Considerações finais

Da *Belle Époque* restou um maior crescimento populacional no Rio de Janeiro; deixando um legado de reformas estruturais como o alargamento de ruas e o surgimento de novas avenidas; a criação de bairros de classe média; construções inspiradas na

arquitetura europeia; a criação do teleférico do Pão de Açúcar; e a idealização de uma cidade moderna e cosmopolita. Entretanto, principalmente, fica o ideal de expulsão das classes mais baixas dos centros, o que é observado até hoje pelas ruas cariocas.

A verve crítica de Lima Barreto, aliada a um saudosismo, constrói um amplo panorama da cidade do Rio de Janeiro, já demonstrando as divisões que hoje se tornaram mais complexas. Assim, munido de uma reflexão sociológica, o cronista nos mostra os problemas mais profundos da modernização imposta pela prefeitura, ao identificar o descompasso entre a realidade brasileira e a europeia.

Tal aspecto se perpetua com grandes monumentos sendo privatizados pelo governo ou abandonados, tornando-se obsoletos. A imagem sagaz trazida por Lima Barreto reflete muito o governo efêmero que se perpetua pelo Rio de Janeiro e que se desenvolve a partir de camadas ausentes da sociedade. Seria realmente a representação de um Brasil Moderno, ou apenas uma idealização falha?

Referências

ARAUJO, Jean Marcel Oliveira. O pré-modernismo: A luta entre passadistas, modernos e modernistas no campo artístico brasileiro. In: **Pensares em revista**. São Gonçalo, RJ n. 1 117-134 jul-dez. 2012. p.117-134. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/download/4806/3530>. Acesso em 10 de julho de 2021.

BENJAMIN, Walter. París, Capital del siglo XIX. In: _____. **París**. Madrid: Casimiro libros, 2013. p.47-69.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 42 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CALLOIS, Roger. **O mito e o homem**. Trad. José Calixto dos Santos. Lisboa: Edições 70, 1972.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. pp 89-99.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **Quatro vezes cidade**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Cidade e Cultura Urbana na Primeira República**. São Paulo: Atual, 1994.

NASCIMENTO, Luciana Marino do. **Entre Paris e Lisboa**: a modernidade de Cesário Verde. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e

História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Campinas, 2003. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270203>. Acesso em 20 de julho de 2021.

NEEDEL, Jeffrey. **Belle époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PECHMAN, Robert Moses. Desconstruindo a cidade: cenários para a nova literatura urbana. In: **Revista Rio de Janeiro**, n. 20-21, p. 31-40, jan.-dez. 2007. Disponível em http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_20-21/Cap-2-Robert_Pechman.pdf. Acesso em 12 de agosto de 2021.

RESENDE, Beatriz. O Lima Barreto que nos olha. In: **Revista Serrote**, n. 21, nov.2015. p.1-11. Disponível em <https://www.revistaserrote.com.br/2016/01/o-lima-barreto-que-nos-olha-beatriz-resende/> Acesso em 01 de julho de 2021.

SENNETT, Richard. O tumulto da vida pública no século XIX. In: __. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.166-271.

VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994. 280 p. ISBN 9788571644038.

WILSON, Elizabeth. O flâneur invisível. Trad. Edinan J. Silva. In: **ArteCultura**, Uberlândia, vol. 15, n. 27, jul.-dez, 2013. p.43-63. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/download/29333/16226/>. Acesso em 17 de julho de 2021.

Periódico utilizado

Revista Careta. Rio de Janeiro-RJ, edição 0656, de 15 de janeiro de 1921, 44.p. Código: TRB00039.0167; Rótulo: 083712. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional-Rio de Janeiro/Brasil. Hemeroteca digital. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pesq=&pagfis=24939>